

PIERRE BIROT EM PORTUGAL

MARIANO FEIO

Entre os aspectos variados da personalidade rica e de grande capacidade de P. BIROT, um me parece de destacar: BIROT era um excelente geólogo de campo, particularmente voltado para os depósitos continentais, em si tão difíceis, que relacionava sempre com as formas e os possíveis climas da época da formação. Valorizava muito a observação, mas a velocidade com que trabalhava não lhe permitia percorrer com cuidado a área de trabalho e reconhece-o, por exemplo, no prefácio de um dos estudos mais cuidados (*Recherches morphologiques dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique*, 1954): “Les mailles de notre itinéraire forment un réseau assez lâche, sauf en quelques zones..., d’où le caractère provisoire de nos conclusions”.

A par desta maneira de trabalhar, com observações insuficientes para o nosso gosto, era uma verdadeira máquina para architectar construções geomorfológicas, para enunciar hipóteses, muitas vezes difíceis de acompanhar, que pareciam architectadas no ar, mas que estavam de facto sempre bem deduzidas. Dizíamos, com maldade, que beneficiava da liberdade que concede a falta de observações... Só gostava de estudar os assuntos complicados e parece que os complicava ainda mais, por exemplo com a introdução de ciclos maduros em fundos abatidos tectonicamente.

Esta maneira de trabalhar pode interpretar-se como própria de país estrangeiro, mas talvez fosse apenas consequência da personalidade de BIROT. E tem de reconhecer-se que a observação feita nas estradas, incompleta é certo, permite, num país com tantas estradas com bons cortes como o nosso, fazer grande número de observações geológicas, e as melhores. Este estilo largo, que BIROT usava na Península, torna-se

indispensável quando se querem estudar áreas enormes, como em Angola e no Brasil: não se pode tentar uma “observação total”, como julgo que se deve fazer entre nós, mas têm de se escolher pelo raciocínio os “locais chave” onde se poderão observar as relações importantes e, aqui sim, fazer trabalho com o pormenor que for necessário; naturalmente, o esquema de interpretação da região tem de se ir modificando de acordo com as novas observações. Esta maneira de trabalhar, que usei principalmente em Angola, não seria exactamente a que usava BIROT, mas foi largamente inspirada na maneira de trabalhar dele. Esse ensino e muitos outros lhe devo.

Apesar de um trabalho e de uma dedicação apaixonada à Geomorfologia, a contribuição que trouxe para o conhecimento do nosso território não foi a que se poderia esperar da sua categoria científica e do tempo que permaneceu entre nós. Tem um excelente estudo sobre a região da Guarda (1946), no qual define as unidades geomorfológicas, as suas relações e a localização dos acidentes tectónicos, numa região muito complicada, que por vezes se tem a impressão de complicar ainda mais. É um dos seus trabalhos de mais cuidada observação de campo. O. RIBEIRO discutiu a interpretação da Cova da Beira.

Citem-se ainda, como trabalhos principais, os que se referem à Bacia de Mortágua (1944) e o relatório sobre “Les surfaces d'érosion du Portugal Central et Septentrional” (1949). A colaboração com o geólogo SOLÉ SABARIS, que muito estimava e que o completava na observação geológica, deu excelentes resultados em duas regiões vizinhas do nosso país: o estudo sobre a Geomorfologia do Noroeste da Península (61 p.) e as *Investigaciones sobre morfología de la Cordillera Central Espanola* (87 p., 1954).

A pequena geografia do nosso país (*Le Portugal*, A. Colin, 1950) não é um livro pequeno, nas suas 222 páginas de tipo miúdo e margem estreita. Faz uma descrição regionalizada e mostra excelente compreensão do país, que talvez não se esperasse num assunto tão longe das suas absorventes preocupações de Geomorfologia e da paixão pelos depósitos correlativos. É certo que beneficiou de longa convivência com O. RIBEIRO, que destaca devidamente no “Avant-propos”, e que o livro *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* já estava publicado, mas conhecia muito bem o país das suas viagens constantes. O livrinho tem páginas excelentes, de que me permito destacar as referentes ao Minho (em

especial, p. 65) e à comparação das condições naturais do Alentejo e do Algarve, embora na minha opinião não valorize suficientemente as consequências. Nem sempre, todavia, se poderá estar de acordo com ele, por exemplo quanto às potencialidades de desenvolvimento económico: já nesse tempo apareciam as miragens das minas de ferro de Moncorvo e da navegação do Douro...

Tudo escrito num belo estilo, uma linguagem com imagens, agradável mesmo em assuntos tão áridos como a Geomorfologia. E uma personalidade pitoresca e sem vaidade, que o levava a deitar-se à hora a que vinha acostumado de França, embora entre nós, pelo jogo da dupla hora de Verão, ainda fizesse sol, ou a classificar ele próprio de "perturbadoras para o espírito" as contradições a que por vezes o conduziam as complicadas construções geomorfológicas. Amigo sempre disponível, devo-lhe apoio pronto sempre que dele careci, em assuntos importantes, mas também em trabalhos fastidiosos como a tradução para francês, numa ocasião de grande aperto de tempo, de todo um capítulo do meu livro-guia do Congresso de Lisboa.

RÉSUMÉ

PIERRE BIROT au Portugal. Evocation de sa façon de travailler, de sa personnalité et de ses apports à la Géographie du Portugal.

SUMMARY

PIERRE BIROT in Portugal. Evocation of his way of working, personality and contributions to the Geography of Portugal.